Resistência do Cuidado ou Como Cuidar é Resistir

Teresa Toldy[1]

Em março de 2025, com todas as guerras e atrocidades a que estamos a "assistir" no mundo em que vivemos, Elon Musk explicou ao que vinha, melhor, a forma como vê a vida. Afirmou que a fraqueza fundamental da civilização ocidental é a empatia. A seu ver, a empatia é uma espécie de "aproveitamento": tem sido utilizada como uma arma. Não diz que tem sido utilizada como um "instrumento". Diz que tem sido "weaponized" (https://edition.cnn.com/2025/03/05/politics/elon-musk-rogan-interview-empathy-doge/index.html).

É triste vivermos num mundo em que os muito poderosos dizem isto ou então pensam, mas não dizem, agindo, contudo, a partir do mesmo pressuposto. De facto, vivemos numa época em que o mal se está a banalizar: entra-nos todos os dias pela casa dentro nos media, entra pelos olhos e ouvidos nas redes sociais, suga a capacidade crítica diante do atroz, entorpece as mentes. As palavras podem até ser usadas para dizer precisamente o seu contrário: fala-se de paz ao mesmo tempo que se faz a guerra, fala-se de democracia ao mesmo tempo que ela vai sendo corroída, primeiro, lentamente, e, mais recentemente, a uma velocidade alucinante. Fala-se até de feminismos para legitimar formas de assédio. Acusa-se pessoas de terem um pensamento colonial para encobrir ou legitimar práticas e comportamentos misóginos.

A década em que vivemos abriu a porta ao impensável: a normalização do aberrante. É aberrante que haja fome quando as fortunas de alguns crescem despudoradamente. É aberrante que haja medo de identificar determinadas práticas assassinas como genocídio, porque é "incomodativo" para a estratégia hipócrita do Ocidente, que olha para a invasão da Ucrânia com a indignação que é devida, obviamente, mas não é capaz de tomar uma posição massiva contra o que se está a passar em Gaza e na Cisjordânia, onde se extermina um povo. E é muito triste que se confunda a crítica a um governo com antissemitismo, o "argumento" que o governo israelita utiliza sempre que a sua política é posta em causa. Assim como também é muito triste não ser possível lamentar o que aconteceu no 7 de outubro sem se ser considerado sionista.

Não vivemos num mundo que cultiva o pluralismo. Vivemos num mundo que cultiva o "estilhaçamento". Não me estou a referir à autêntica "paranoia" existente atualmente que atribui todos os males do mundo ao chamado "wokismo", o que quer que isso seja, numa visão cega ao que está a acontecer de verdadeiramente trágico: a perda de direitos, antes de mais, a perda do direito a ser-se quem se é. Por vezes, tenho até as minhas dúvidas de que sejam pessoas

[1] Teresa Toldy, Professora Catedrática da Universidade Fernando Pessoa, onde leciona Ética, bem como matérias relacionadas com questões de género. Investigadora do LabCom. Doutorada em Teologia pela Philosophisch-theologische Hochschule Sankt-Georgen (Frankfurt). Publica na área do género, religião e ética.

ditas "woke" que disseminam determinadas ideias, tão disparatadas que parecem inventadas por quem quer eliminar identidades ou distrair com questões secundárias, para ocultar (consciente ou inconscientemente) o que verdadeiramente importa atualmente: as múltiplas e crassas formas de desrespeito pelos direitos humanos, entre as quais se encontra a chamada "manosfera", que transforma as mulheres em objetos, numa linguagem de masculinidade tóxica e ginofóbica impensável no século XXI.

Agora, menciona-se que há pessoas que querem ser tratadas como se fossem animais, isto é, que quereriam ser tratadas por veterinários. Serão, certamente, pouquíssimas. Muitas são as pessoas que estão dispostas a tratar outras como se fossem animais e que o afirmam e fazem com a complacência do mundo ou, pelo menos, de uma parte do mundo, que fica, na praia, a ver migrantes e refugiados a afogar-se no mar. São mundos invisibilizados. O que leva pessoas a considerarem que meter-se num barco ou num bote é mais seguro do que ficar no seu país? As suas questões não contam. Os seus traumas são ignorados. Os seus problemas não aparecem nos media. Só aparecem quando são associados à ameaça, quando se produz e reproduz a narrativa da "grande substituição".

E o que leva governos a considerar-se no direito de fazer uma contabilidade macabra das crianças que contam e das que não contam, das crianças que têm valor e das crianças que vão ser "más" no futuro e, como tal, é melhor serem eliminadas já com drones criminosamente certeiros? O que faz, efetivamente, a comunidade internacional contra este tipo de práticas?

E o que dizer da parte do mundo que não tem forma de participar nas sofisticadas mesas de discussão das questões da IA, porque, se tiverem eletricidade, já é um ganho? Não são tidos nem achados para as formas de IA aplicadas à saúde, por exemplo, porque nem acesso têm ao mais básico dos medicamentos que, num país do Norte Global, curaria uma ferida numa semana, enquanto, num país do Sul Global, pode ser letal.

Aliás, de uma forma mais ampla, neste mundo em que o investimento em armas é crescente, podemos perguntar-nos se ainda alguém pensa nos objetivos de um desenvolvimento sustentável. Quando há uma guerra por causa do petróleo, podemos perguntar-nos quem tem força para fazer valer os objetivos de uma energia limpa, a não ser que se pense na nuclear, que é limpa até ao dia em que nos torne todos radioativos. E como ficam os investimentos na educação, na preservação do ambiente, na segurança alimentar, em políticas de igualdade e de não-discriminação, na proteção dos idosos e das crianças, em formas de combater a doença do século XXI: a solidão? A solidão nas suas diversas formas: porque se é velho, porque se é doente, porque se é "inadaptado", porque se é "diferente", porque se é migrante, porque se é louco, porque se é sem-abrigo, porque, porque, porque…

Haverá espaço para o cuidar neste mundo?

Tem-se a sensação, atualmente, que é mais fácil um pensamento distópico do que um pensamento utópico e, no entanto, é a utopia, esse "não-lugar", esse desejo de algo melhor ao qual tentamos chegar, que pode fazer mover o mundo, ou melhor, que desperta o desejo de uma alternativa para o mundo. A pergunta: "porque há-de uma coisa ser assim e não de outra maneira?" é uma das perguntas subjacentes ao conhecimento, à ciência, à filosofia (a "ciência dos porquês"), ao avançar do mundo. Claro que as respostas a estas perguntas nem sempre são benignas: por isso, sempre houve e continua a haver gente muito letrada a colocar os seus saberes ao serviço da destruição. Há quem diga que o ser humano, entregue a si mesmo,

destrói-se a si mesmo. Mas também é verdade que o ser humano quando se entrega a outro(s) ser(es) humano(s) é capaz de sonhar um mundo melhor.

Procuremos pequenos sinais. O cuidar pode não passar por grandes infraestruturas, embora não deva substituir quem tem responsabilidade de as proporcionar, em nome do compromisso assumido com os direitos humanos. A questão começa, obviamente, na definição do "cuidar" – uma palavra polissémica, que tanto pode ser luminosa, como humilhante. Luminosa se tem na sua raiz aquilo que Brecht dizia: "Hoje, são eles. Amanhã, és tu". Humilhante se for uma caridadezinha para passar um atestado de "misericordioso" a alguém ou a alguma organização que queira fazer-se notar, centrando a sua atividade em si mesma. Também não tenho em mente um cuidar sempre atribuído às mulheres, ao abrigo da dicotomia que diz "aos homens, a justiça", às mulheres, a sensibilidade". Há todo um universo de debates em torno desta questão, desde as interpretações de Piaget, que atribuía ao homem a capacidade de um raciocínio baseado na justiça – o mais perfeito de todos, no seu ponto de vista – e às mulheres, um raciocínio que ficava a meio-termo na escala de desenvolvimento do raciocínio moral, o que as tornava inferiores, porque o seu raciocínio, para ele, era baseado na emoção – a tal que Musk considera "uma fraqueza". Foi Carol Gilligan que deu a pedrada no charco ao dizer que as mulheres são capazes de chegar a raciocínios baseados na justiça, mas, em última análise, foi ela que abriu a porta à possibilidade de equacionar o cuidar como um dever de toda a humanidade, isto é, um propósito universal, que cabe a todos – mulheres e homens. E, posteriormente, o caminho do cuidar abre-se ainda mais e deixa de ser centrado exclusivamente no ser humano, o que leva ao equacionar de um "cuidar integral", isto é, de um cuidar do planeta e dos seres que o habitam, cuidar da Terra, cuidar do mundo.

Apesar de tudo o que acontece de terrível e desconcertante no mundo atual, como se a história não nos tivesse ensinado nada, há sinais de esperança que se revelam, precisamente, no cuidar dos outros que se encontram em situações-limite: os grupos que se solidarizam com os refugiados, os grupos que procuram o diálogo entre opostos (penso, por ex., em todos os grupos de judeus e islâmicos que, juntos, repudiam o que está a acontecer na Palestina, correndo risco de vida ou de serem vilipendiados). Os grupos que procuram acompanhar os sem-abrigo. Os grupos que se preocupam com um desenvolvimento sustentável e procuram pô-lo em prática. As pessoas, as famílias que acolhem fugidos à guerra na Ucrânia. As organizações que resgatam os refugiados ao mar. Mas também todas as formas de, corajosamente, continuar a dizer "não" a determinadas formas de desrespeito pelos direitos no trabalho, todas as pessoas que olham para o seu estilo de vida e se decidem pelo despojamento, por ter só aquilo que não alimenta a voragem do consumo na qual se baseiam as sociedades em que não é a política que conta, mas sim o capital. E a vocalização da injustiça. D. Helder da Câmara, um bispo brasileiro já falecido, e que foi bispo no tempo da ditadura no Brasil, dizia o seguinte: "quando eu ajudo um pobre, dizem que eu sou caridoso. Quando pergunto por que existe a pobreza, dizem que eu sou comunista". Cuidar também é perguntar-se acerca dos fundamentos da sociedade atual e do mundo que vamos deixar para as gerações que vêm a seguir a nós. Nesse sentido, cuidar é resistir. É não deixar de perguntar "porquê?" É não se conformar. É não desistir da utopia.

ÍNDICE